

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº135 - FEVEREIRO - PORTO VELHO, 2004  
VOLUME IX

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLDOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - UFRO  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

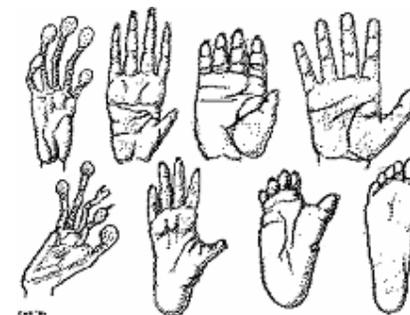
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**135**



## A CHARGE NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

NAIR GURGEL



**Nair Gurgel**

Departamento de Letras – UFRO  
naigel@unir.br

## **A CHARGE NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA**

A ironia parece então “uma armadilha que permite frustrar o assujeitamento dos enunciadores às regras da racionalidade e da conveniência públicas”.(D. Maingueneau, 1993, apud B. Basire, 1985)

Uma das características essenciais do gênero “charge” é a articulação que existe entre diferentes linguagens, especialmente a verbal e a visual. Ao optar por analisar textos humorísticos da mídia escrita (jornais, revistas, etc.), ao mesmo tempo em que fazemos um recorte para um estudo mais detalhado, optamos também por analisar os textos imagéticos, ou seja, aqueles que valorizam mais a imagem. Tal fato dá-se, não apenas por pura preferência, mas inclusive por considerar que a ilustração, no caso as charges, os cartuns e as tiras, além de provocarem o humor, em termos de conteúdo, podem ser tão ricas e densas quanto os outros textos opinativos, crônicas e editoriais, por exemplo. Além de atrair a atenção do leitor, o texto com imagens transmite também um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos.

Pêcheux (1993), citando Althusser, diz que o assujeitamento “é o movimento de interpelação dos indivíduos por uma ideologia, condição necessária para que o indivíduo torne-se sujeito do seu discurso ao, livremente, submeter-se às condições de produção impostas pela ordem superior estabelecida, embora tenha a ilusão de autonomia”. Entendemos que a interpelação ideológica seja contingente, entretanto não acreditamos que os sujeitos estejam obrigados a submeterem-se às condições de produção impostas pelos aparelhos ideológicos. Prefiro acreditar na tese que ora defendo: a do “não-assujeitamento”<sup>1</sup> e retomar Michel De Certeau (1994), para confirmar que “é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações dos seus usuários; é mister ocupar-se com as maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática”.

Para ler e/ou escrever textos, principalmente os que ora analiso, é necessária a percepção de pequenas diferenças onde tantos outros só vêem identidade e uniformização. Portanto, minha atenção está voltada para os jogos, as táticas, as estratégias, muitas vezes silenciosas e sutis que “insinuem” leituras e escrituras no fio discursivo, no vão do discurso, no não-dito. Resta encontrar o meio para distinguir “maneira de fazer”, de pensar, estilos, ações diferenciadas, ou seja, fazer “a teoria das práticas”.

Contudo, antes de iniciar nossa análise, faz-se necessária a diferenciação entre charge, caricatura e cartum. Conversando com pessoas, lendo revistas diversas, ouvindo algumas entrevistas percebemos que existe uma certa dificuldade em definir os termos e que muitas vezes eles são utilizados um pelo outro. Essa confusão é explicada pela generalização, ou seja, pelo que há de comum entre esses textos, seus traços básicos: a visualização e o humor.

---

<sup>1</sup> Reforço novamente a minha concepção de ‘não-assujeitamento’: rejeição à submissão ideológica total proposta por Althusser e assumida por Pêcheux, especialmente na “primeira época” da AD. Certeau disse: “Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas”.

Rabaça & Barbosa (1978), em seu Dicionário de comunicação, define a caricatura como “uma forma de arte que se expressa através do desenho, da pintura, da escultura, etc., e cuja finalidade é o humor”. De acordo com essa perspectiva, são subdivisões da caricatura: a charge, o cartum, o desenho de humor e a própria caricatura, tomada agora em seu conceito mais particularizado.

Para definir caricatura, traçaremos um paralelo entre a caricatura e a Literatura. Assim como na Literatura existem os gêneros romance, conto, etc.; na caricatura existe o que costuma-se chamar de *portrait-charge* – caricatura de pessoas, a charge basicamente política, o cartum (com ou sem palavras, isolado ou em seqüência, mas sempre transmitindo uma piada) e o desenho-de-humor que não tem a preocupação do gag<sup>2</sup>, concentrando o humor no próprio traço).

O cartum, no Dicionário de comunicação, é tratado como uma anedota gráfica, com o objetivo de provocar o riso do espectador. É uma das manifestações da caricatura, em sentido amplo, e chega ao riso através da crítica mordaz, irônica, satírica e principalmente humorística do comportamento humano, de suas fraquezas e de seus hábitos e costumes.

A charge (do francês *charger*: carregar, exagerar), para os autores do Dicionário de comunicação, é um tipo de cartum “cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política” (Rabaça & Barbosa, 1978: 89). De acordo com os autores, uma boa charge deve procurar um assunto atual e ir direto onde estão centrados a atenção e o interesse do público leitor.

Chico Caruso<sup>3</sup> fez distinção entre cartum, charge e caricatura, comparando-os à fotografia. O cartum seria como uma máquina fotográfica focada no infinito; por focar uma realidade genérica sua possibilidade de compreensão é muito maior. A charge focaliza uma certa realidade, geralmente política, fazendo uma síntese. Somente os que conhecem essa realidade entendem a charge. Já a caricatura focaliza um elemento dessa determinada realidade focada pela charge.

De acordo com o que foi exposto acima, podemos sintetizar, considerando a função que cada um desempenha, as definições abaixo:

Cartum – crítica de costumes, genérico, atemporal.

Charge – crítica a um personagem, fato ou acontecimento político específico, limitação temporal.

Caricatura – exagero proposital nas características marcantes de um indivíduo.

Caricatura de José Serra – Ex-Ministro da Saúde e candidato à presidência da República derrotado por Lula no segundo turno. O detalhe fica por conta do mosquito “*aedes aegypti*”, causador da epidemia da “dengue”, doença que lhe trouxe problemas refletidos em sua campanha política.

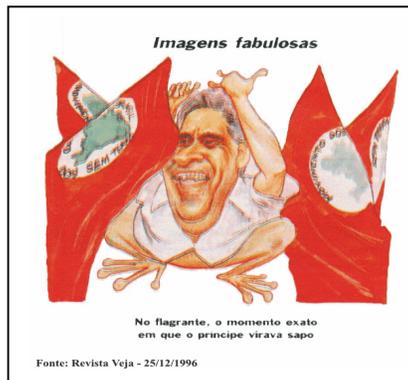
---

<sup>2</sup> Gag é qualquer fenômeno cômico, geralmente muito breve, inserido numa representação de teatro, cinema, tv, rádio, etc. É expresso por meio de palavras, gestos ou pela própria situação.

<sup>3</sup> Em entrevista dada no programa *Domingão do Faustão*, exibido pela Rede Globo de Televisão, em 20/02/94



Clayton - Chargeonline. 11/03/01/ (Jornal O povo/CE)



Charge - crítica a um personagem (FHC), fato ou acontecimento político específico limitação temporal. Só quem sabe da trajetória política de FHC pode entender o “recado” da charge: a transformação do príncipe em sapo. Ao mesmo tempo, o leitor precisa reconhecer o episódio da narrativa infantil (príncipe/sapo) que foi invertido. (Imagens Fabulosas. Revista Veja)



Cartun - Crítica de costumes, genérico, atemporal. O cartun acima mostra o Congresso Nacional e a opinião do “povo” sobre os políticos. Ou melhor, o que o povo de fora pensa a respeito do povo de dentro. (Reinaldo Carvalho ccqhumor.com.br)

Como meu trabalho requer uma análise do ponto de vista da Análise do Discurso, é importante esclarecer a terminologia adotada. Para as relações intertextuais estaremos adotando conceitos propostos por

Bakhtin (1986), estudioso que se preocupou com as questões intertextuais e polifônicas. Bakhtin considera como realidade fundamental da língua a interação verbal, realizada através da enunciação. É preciso entender o dialogismo em Bakhtin, não como um conceito, mas como o reflexo de sua visão de mundo. Só assim é possível entender suas concepções de signo, enunciado, carnavalização, e polifonia.

A charge é uma forma de comunicação condensada com muitas informações, cujo entendimento depende de um conjunto de dados e fatos contemporâneos ao momento específico em que se estabelece a relação discursiva entre o produtor e o receptor. Sendo a charge de natureza icônica<sup>4</sup>, pretendo, nesta pesquisa, transpor alguns critérios de textualidade firmados para textos verbais para a análise das charges. Dentre eles, a interdiscursividade merece destaque por estabelecer relações entre o texto base e outros textos produzidos. Dessa forma, alarga-se a concepção de intertextualidade, geralmente focalizada apenas no âmbito da linguagem verbal e permitindo a confluência entre sistemas semióticos diferentes.

Beaugrand & Dresser (1981) afirmam que são sete os fatores responsáveis pela textualidade: “coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade”. Os dois primeiros fatores (coerência e coesão) estão centrados do próprio texto; os outros cinco fatores restantes estão centrados no usuário. Embora todos os fatores acima possam ser utilizados para textos não verbais, o que mais interessa para o presente trabalho é a intertextualidade, pois diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto (produção e recepção) dependente de outro(s) texto(s) previamente existente(s). Cada fator de textualidade merece um estudo mais aprofundado dentro da análise da charge, porém, nossa intenção é apenas mostrar que os fatores apresentados por Beaugrand & Dressler (1981) para os textos verbais cabem também nas charges.

Entretanto, o traço caracterizador da charge é a polifonia que permite perceber um jogo de vozes contrastantes provocador do riso, assumindo, assim, o estatuto de texto humorístico. No plano exofórico, o intertexto ressoa na charge, ao fornecer as informações e o suporte contextual para o seu entendimento, seja conduzindo para uma direção convergente de sentidos, portanto parafrástica, seja numa direção divergente, parodística.

Outro ponto importante a ser observado na charge é o fato de que, na sua construção interna, ela é bivocal, porque é carnavalesca, no sentido bakhtiniano. Ela informa e opina sobre o seu tema por meio da representação de um “mundo às avessas”, aguçando, pela própria inversão de valores sociais que promove, uma visão mais nítida da realidade. O autor da charge cumpre um ritual ambivalente, porque conjuga elementos díspares, ao figurar a autoridade e destroná-la e ao apontar a ordem instituída pelo reverso de sua aparência séria.

O texto que analisaremos a seguir é de Nani & Péricles e foi retirado da revista “Bundas”, Nº 18; julho/2000.

---

<sup>4</sup> Os ícones são signos que estão numa relação de semelhança com a realidade exterior, que apresentam a mesma propriedade que o objeto denotado.

Podemos perceber, pelo menos, três relações intertextuais na charge ao lado, a saber: a) um contexto onde o presidente da república concede uma entrevista e faz um comentário infeliz; b) um contexto onde Eduardo Jorge 'entrega' o presidente, c) um contexto onde o juiz Nicolau é acusado de fraude. Todos os contextos são intermediados por um outro intertexto que é a figura do "Amigo da onça", antigo personagem, caricatura mensal da extinta revista O Cruzeiro. Falaremos de cada um deles com maiores detalhes:



a) Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil, questionado certa vez por uma repórter a respeito de sua posição enquanto sociólogo, responde, fazendo referências ao líder sindical da época, Vicentinho: também tenho um pé na cozinha, referindo-se a sua possível origem humilde e cabocla;

b) Eduardo Jorge, ex-Ministro do Governo Fernando Henrique, enfrentando pesadas acusações de enriquecimento sob tráfico de influência junto ao governo, teria intermediado interesses e pessoas no mínimo duvidosas. Em extensa lista, ponteeava o nome de conhecido Juiz foragido, implicado no rumoroso caso do Tribunal do Trabalho em São Paulo. Assim, pois, é representado na charge como o protótipo do "Amigo da onça" atual;

c) O juiz Nicolau, mais conhecido como "Nicolaulau", freqüentou os noticiários da mídia por longo tempo, como principal responsável pelo desvio de verba da obra do Fórum Trabalhista. Uma ligação por mais tênue, um acobertamento mesmo que por hipótese, para com o Juiz foragido, seria, algo definitivamente desastroso para o Governo FHC;

d) O "Amigo da onça", como já dito, foi um personagem criado e imortalizado por Péricles nas páginas da extinta revista O Cruzeiro. Representava aquele amigo que mesmo parecendo querer agradar, acabava sempre colocando o companheiro em situação difícil. Amigo, porém não tanto...

A junção de contextos diferentes dá-nos a idéia de contexto intericônico (relações entre as imagens associadas em série ou em sucessão) que, além de marcar a temporalidade e a cronologia das ações, proporciona interpretações humorísticas em situações de comicidade. Já com o contexto intra-icônico (relações entre os diferentes elementos da imagem), há uma conjunção entre elementos visuais e verbais, que auxiliam a transmissão de idéias, marcando um posicionamento crítico e provocar o riso, principal objetivo da charge humorística.

A intertextualidade e a interdiscursividade acontecem a partir do momento em que há uma relação direta da charge com notícias veiculadas pela mídia. Dessa forma, o jogo polifônico da charge e os contextos intra e interdiscursivos contribuem para levar o leitor ao riso que é deflagrado pela fala do amigo-da-onça ao entregar o pé-de-cabra presenteado pelo juiz Nicolau, provocando uma ação carnavalesca do destronamento e mostrando que no jogo polifônico “fala” mais que uma voz.

Ao dizer Eu tenho um pé na cozinha, o presidente abandonou o sentido literal das palavras “pé” e “cozinha”, (extremidade inferior do corpo humano e parte da casa onde se preparam os alimentos, respectivamente) e buscou as seguintes correlações: pé = origem e cozinha = negro. Sou mulato. Dessa forma, estaria o presidente fazendo demagogia e dizendo, em outras palavras, que estava do lado do povo por entender suas dificuldades.

No entanto, o amigo-da-onça, que apenas explorou um sentido da palavra “pé”, apressou-se em ir buscar outro tipo de pé – o pé-de-cabra que não é o pé de nenhuma cabra (fêmea do bode); é apenas uma ferramenta que, entre outras tantas utilidades, serve para arrancar pregos, tábuas e similares. Aurélio define-o assim: alavanca de ferro cuja extremidade é fendida à semelhança de um pé de cabra.[Sin. (bras., RJ): truncha.]. 2 Bras. Pop. V. diabo (2).

Talvez devido a sua semelhança com o pé do diabo (igual ao pé da cabra), o fato é que tal instrumento, por sua indiscutível eficiência, acabou caindo no gosto dos gatunos, dos ladrões, dos arrombadores, assim mesmo como o diabo gosta... Bem sabemos que o juiz Nicolau não era afeito a esse tipo de crime; lá no grupo dos larápios podiam dizer que ele não era do tipo de por a mão na massa, preferia mesmo era colocar a mão na bola, ou no bolo? Em outra linguagem, diríamos que o tipo de crime praticado pelo juiz Nicolau está enquadrado entre os de “colarinho branco”. Porém o que faz com que uma charge seja facilmente entendida é sua capacidade de síntese. Logo, se o juiz Nicolau nunca usou um pé de cabra, não importa; o que interessa ao chargista é fazer com que o leitor interprete o pé-de-cabra como um símbolo da desonestidade.

A análise de charges mostra que sua leitura requer um duplo movimento, envolvendo a percepção concomitante de duas máscaras, a da seriedade/autoridade e a da ridicularização. Os efeitos de sentido da charge são ocasionados pela simultaneidade dos movimentos opostos, mas justapostos, que possibilitam um riso de zombaria sobre nossa atualidade sócio-político-econômica.

A charge é, como já propusemos acima, um tipo de texto que atrai a atenção do leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além de facilitar a leitura, a charge diferencia-se dos demais gêneros por fazer sua crítica usando o humor.

## **BIBLIOGRAFIA**

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais**. São Paulo, HUCITEC; Brasília, EDUNB, 1999.

- BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, **Polifonia e Enunciação**. In: BARROS, D. L. P. de & FIORN, J. L. (orgs.). Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade. São Paulo: EDUSP, Ensaios de cultura, v. 7, p. 1-9, 1999.
- BEAUGRANDE, R., DRESSLER, W. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BERRENDONNER, A. **Éléments de pragmatique linguistique**. Paris: Éditions de Minuit, 1981.
- BRAIT, B. **O texto irônico: fundamentos teóricos para leitura e interpretação**. Letras, Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS). Jul/dez, 1997.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: as artes do fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CERTEAU, M. de. **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus/Travessia do Século, 1995.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de POSSENTI, S. Ijuí: FIDENE, 1973.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GREGOLIN, M. R. V. **Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria?** In: GREGOLIN, M. R. V. & BARONAS, R. (orgs.) *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos, SP: Claraluz, 2001.
- HUTCHEON, L. **Irony's Edge – the theory and politics of irony**. New York: Routledge, 1994.
- INDURSKY, F. e FERREIRA, Maria C. L. (orgs.) **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre, RS: Editora Sagra Luzzatto, 1999.
- MAGALHÃES, M. I. S. (org.). **As múltiplas faces da linguagem**. Brasília: Editora Universidade e Brasília, 1996.
- MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- PÊCHEUX, M. **A Análise de discurso: três épocas**. In: GADET & HAK (orgs.). *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua**. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1998.
- RABAÇA, C. A. & BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.
- ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo**. Maringá, PR: Eduem, 2000.
- SILVA, S. M. S. Polifonia e **Topos na Linguagem: um terceiro enunciador para dar conta da ironia**. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos* (35) 139-145. Jul/dez, 1998.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos publicados

*na água infinita do olhar  
repousa um rio e outro  
e depois outro  
até o mar*

*depois do mar há terras  
e homens de ferro  
plantando sementes  
de caravelas*

*logo será atravessado o mar  
um rio e outro  
e depois outro*

*no fim restará este olhar  
que é voz e que por isso voa  
livre de qualquer paisagem*

**CARLOS MOREIRA**